

## A ARTE DE AMAR É EXACTAMENTE A DE SER POETA: DA IDENTIDADE ENTRE AMOR E POESIA NOS VERSOS DE DAVID MOURÃO-FERREIRA

**Roberto Nunes Bittencourt**

*Eu cantarei de amor tão docemente  
Por uns termos em si tão concertados,  
Que dous mil acidentes namorados  
Faça sentir ao peito que não sente*

(Luís Vaz de Camões)

Poeta, romancista, crítico e ensaísta, David Mourão-Ferreira lançou-se no universo literário em 1945, publicando alguns de seus poemas na revista *Seara Nova*. Em 1950, foi co-fundador da revista literária *Távola Redonda*, em que sempre contribuiu com seus escritos. No mesmo ano, lança o seu primeiro livro de poemas: *A Secreta Viagem* e ainda na década de 50, publica outros dois livros: *Tempestade de Verão* e *Os quatro cantos do tempo*. Segundo o próprio autor, esses livros, juntamente com o poema *In memoriam memoriae* e a coletânea *Infinito pessoal ou A arte de amar*, ambos publicados em 1962, encerram um primeiro ciclo da sua obra poética: o da fusão do amor e da poesia.

Seus versos são marcados pela constante presença da figura da mulher e do amor – e pela busca deste como forma de conhecimento, daí resultar que o amor seja entendido como epifania, como revelação da essência do homem e do mundo. Além disso, há nos versos de Mourão-Ferreira uma forte pulsão erótica, não se resumindo simplesmente ao sexo, mas ao amor em todas as suas expressões e vivências.

A partir da leitura de alguns de seus versos, principalmente dos poemas que se enquadram no primeiro ciclo poético, como as três Inscrições de *A Secreta Viagem* – que traduzem o universo do amor, da poesia e da mulher –, sublinharemos a existência de uma identidade entre o amor e a poesia nos versos de David Mourão-Ferreira

Com uma epígrafe de Cecília Meireles: “A arte de amar é exactamente a de ser poeta”, Mourão-Ferreira abre o seu primeiro livro, cujos poemas convergem para a

existência de uma identidade entre amor e poesia. O poema *Inscrição sobre as ondas*, significativamente, é o primeiro do livro:

Mal fora iniciada a secreta viagem  
um deus me segredou que eu não iria só.

Por isso a cada vulto os sentidos reagem  
supondo ser a luz que deus me segredou<sup>2</sup>

No texto, a viagem faz-se através do mar, reiterando-se o sentido de que navegar pelo oceano é aventurar-se pelo pélago desconhecido. E, representativamente, no poema, significaria também viajar no interior de si mesmo. Um “deus” segredou ao sujeito lírico que “não iria só” na “secreta viagem” que se inicia. Os outros poemas do livro, destacando-se as outras duas Inscrições – *Inscrição sobre as árvores* e *Inscrição sobre um rio* –, desvendam a companhia do sujeito lírico na viagem poética que se inicia: a do amor. *Secreta Viagem* anuncia e condensa as linhas mestras do fazer poético de David Mourão-Ferreira, estruturada em torno do Tempo, do Espaço e do Eros.

Se, na primeira Inscrição, a face do amor ainda não apresenta contornos definidos, estando apenas o sujeito lírico desperto para o sentimento e “a cada vulto os [seus] sentidos reagem, / supondo ser a luz que deus [lhe] segredou” e, na segunda Inscrição, o sujeito lírico não encontra para o sentimento que o domina um objeto de amor individualizado: “A secreta viagem foi aquela / por entre estrelas verdes esboçadas... // Chamei a cada fruto, verde estrela. / Tombei, ébrio de estrelas, sobre a estrada...”<sup>3</sup>, na *Inscrição sobre um rio*, o amor que une homem e mulher os eleva além da transitoriedade e inconstância da vida, a ponto mesmo de tornar-se maior que a própria humanidade.

De nós fique apenas a extrema glória  
De termos sido castos e corruptos!

---

<sup>2</sup> Cf. Mourão-Ferreira, 2001, p.27.

<sup>3</sup> Cf. Mourão-Ferreira, 2001, p.32.

E que se volva eterna a transitória  
E luminosa cor destes minutos!

Que o nosso amor seja maior que nós,  
Secreto e audacioso como um rio!  
Que tenha, como nós, a nossa voz...  
Mas que seu timbre seja menos frio.<sup>4</sup>

A partir do referido poema, confirmam-se as palavras de Vasco Graça Moura. Segundo ele, na poesia de David Mourão-Ferreira:

o amor, na plena acepção da palavra, é sempre um lúcido envolvimento a dois, lúcido inclusivamente quanto às limitações e fragilidades recíprocas: “somente amamos nos outros seres o que eles têm de vulnerável, somente somos amados pelo que de vulnerável existe em nós”<sup>5</sup>.

Tais Inscrições revelam o que o próprio autor, em um posfácio a *Infinito pessoal ou a arte de amar*, coletânea de sua primeira fase poética, considera sobre sua poesia. Escreve Mourão-Ferreira nesses termos:

Fusão do amor e da poesia, ou da procura do amor e da poesia; ou procura da fusão dessas duas procuras, - aí está, se nos permitirem, o sentido em que me atrevo a sugerir que se interprete (quer negativamente, quer com sinal positivo) tudo aquilo que em poesia tenho feito.<sup>6</sup>

David Mourão-Ferreira chega a concluir: “E creio, por vezes, que não tenho feito outra coisa senão escrever indefinidamente o mesmo poema. Sim, é um poema de amor: de

---

<sup>4</sup> Cf. Mourão-Ferreira, 2001, p.39.

<sup>5</sup> Cf. Moura, 1978, p. 15.

<sup>6</sup> Cf. Martinho, 1996, p. 143.

amor incessantemente ameaçado”. No poema homônimo ao livro, “no barco sem ninguém, anónimo e vazio”, os amantes, em uma atmosfera de lenda, “em madeira esculpidos” alcançam - por redenção ou condenação - a eternidade.

No barco sem ninguém, anónimo e vazio,  
ficámos nós os dois, parados, de mão dada...  
Como podem só dois governar um navio?  
Melhor é desistir e não fazermos nada!

Sem um gesto sequer, de súbito esculpido,  
tornamo-nos reais, e de madeira, à proa...  
Que figuras de lenda! Olhos vagos, perdidos...  
Por entre nossas mãos, o verde mar se escoia...

Aparentes senhores de um barco abandonado,  
nós olhamos, sem ver, a longínqua miragem...  
Aonde iremos ter? – Com frutos e pecado,  
se justifica, enflora, a secreta viagem!

Agora sei que és tu quem me fora indicada.  
O resto passa, passa... alheio aos meus sentidos.  
– Desfeitos num rochedo ou salvos na enseada,  
a eternidade é nossa, em madeira esculpido!<sup>7</sup>

Em igual número às inscrições, os epigramas apontam para a importância do amor no itinerário iniciado. *Epigrama para uma despedida*, *Epigrama para uma segunda despedida* e *Epigrama para uma terceira despedida* têm sido apontados como “um curioso diálogo de intertextualidade homo-autoral”<sup>7</sup>. Atenta-nos José Martins Garcia para o sentido

---

<sup>7</sup> Cf. Mourão-Ferreira, 2001, p. 44.

<sup>8</sup> Cf. Martinho, 1996, p. 143.

de *epigrama*: “letra gravada em pedra”, o que justifica a poesia breve, porém, profundamente penetrante.

Uma tal concepção de perenidade – humanização intimamente ligada à desumanização – haveria de produzir, na poesia de David Mourão-Ferreira, não um lamentoso *carpe diem*, mas uma espécie de tendência lapidar, uma tendência que se exprime como verdade existencial, como fórmula de experiência feita. Não a fórmula do sábio, não a do cientista: antes um preceito oriundo do simples facto de se ter vivido. Esse preceito é o epigrama. No epigrama cabe um ror de sensações e sentimentos; um ror de reflexões e insinuações.<sup>9</sup>

Os epigramas de *A Secreta Viagem* perpassam pelo tema da despedida, em que o eu lírico revela certa uma mágoa e busca superar suas próprias fraquezas. Um exemplo:

Pasmo de ainda murmuram “Bom dia!”  
depois de tudo quanto aconteceu.  
Ó meu amor, a minha cobardia  
foi afinal muito maior do que eu<sup>10</sup>

A temática amorosa ocupa um lugar central nos versos de David Mourão-Ferreira no primeiro ciclo de sua obra poética. O amor surge, por vezes, como dor, como desengano e perda; ainda, como a força capaz de corrigir os desacertos do mundo. Assim como Eros e Thánatos são indissociáveis, em seus versos, homem e mulher estão unidos para além da terrena eternidade.

De acordo com o pensamento de Fernando Martinho,

A poesia de amor, em David Mourão-Ferreira, contraria, desde o princípio, os lugares comuns do que na nossa tradição lírica se nutre da desencarnação

---

<sup>9</sup> Cf. Garcia, 1980, p. 133.

<sup>10</sup> Cf. Mourão-Ferreira, 2001, p.27.

espiritualista do platonismo. É uma poesia em que se celebra o “corpo”[...], a “carne”[...], a nudez[...], o “desejo”. A expressão do “desejo” pode ir do alusivo, por uma aproximação metonímica que evita dizê-lo claramente [...] ao metafórico, que, todavia, não se inibe, pela veemência exclamativa de ir além da simples sugestão [...]e à sua aberta assunção, que, no entanto, prefere, pela exaltação do corpo da mulher - todo que vai emergindo da gradativa apresentação das suas partes, “pernas”, “joelhos”, “ancas”, “ventre” -, transferir para a contemplação do objecto de desejo o que, em “prelúdio”, se diz, e, depois, se torna desnecessário dizer.<sup>11</sup>

É importante destacar que a experiência pessoal do sujeito lírico assume um aspecto universal, pois, se o “eu” realiza a “secreta viagem” poética do amor, o leitor também é convidado a realizá-la. Em suma, a viagem através do Eros é uma viagem através da poesia. Amar é descobrir-se e descobrir o outro. E o amor, como a força motriz da vida, faz com que as coisas sejam o que realmente são: o homem só é homem pela força do amor, e, se amor e poesia estão intimamente unidos, o poeta só se torna poeta através do amor.

Até ao fim de sua vida, David Mourão-Ferreira manteve-se ativo no ambiente artístico-cultural. Em 1996, ano de morte, recebeu o *Prémio de Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores*. Deixou-nos, ainda, um testamento poético:

Que fique só da minha vida  
Um monumento de palavras.<sup>12</sup>

Palavras repletas de significado poético. Um monumento de palavras, sem tamanho, mas visível e emblemático. Como a escrita de David Mourão-Ferreira, que, à luz dos versos camonianos, soube cantar de amor tão docemente, deixando, no peito de seus leitores, alguns incontornáveis, mas salutares, “acidentes namorados”.

---

<sup>11</sup> Cf. Martinho, 1996, p. 144.

<sup>12</sup> Cf. Mourão-Ferreira, 2001, p. 319.

## REFERÊNCIAS

GARCIA, José Martins. *David Mourão-Ferreira: a Obra e o Homem*. Lisboa: Arcádia, 1980.

MARTINHO, Fernando. *Tendências dominantes da poesia portuguesa da década de 50*. Lisboa: Edições Colibri, 1996.

MOURA, Vasco Graça. *David Mourão-Ferreira ou A Mestria de Eros*. Porto: Brasília Ed., 1978.

MOURÃO-FERREIRA, David. *Obra Poética*. 4. ed. Lisboa: Presença, 2001.